

Reconstruir a Ucrânia deve custar R\$ 3 trilhões, diz o Banco Mundial

Invasão russa às terras da Ucrânia completam quatro anos nesta terça-feira (24)

TheNews2/Folhapress

Reconstruir a economia e infraestrutura da Ucrânia, devastadas nos quatro anos da invasão russa que serão completados nesta terça-feira (24), custará US\$ 588 bilhões (R\$ 3 trilhões) em dez anos. Isso se a guerra acabasse agora, o que não está no horizonte visível.

A conta foi divulgada nesta segunda (23) pelo Banco Mundial, em um trabalho feito em conjunto com a ONU, Comissão Europeia e o governo ucraniano. Ela representa um aumento de 12% sobre a estimativa do ano passado, puxado pelo salto de 21% nos estragos no sistema energético do país atacado.

O trabalho só abarca o ano de 2025, sem incluir o grande impacto no sistema neste começo de ano - a Rússia intensificou sua campanha de ataque com drones e mísseis de forma dramática, deixando o vizinho sob um regime constante de blecautes em meio ao pior inverno das últimas décadas.

“O valor da reconstrução é quase três vezes o PIB nominal do país para 2025”, disse em nota a premiê ucraniana, Iulia Sviridenko. O Produto Interno Bruto do país caiu, em termos reais, 21% ante o valor do ano anterior ao início do conflito, e ela prevê que só poderá voltar a crescer de forma sustentável se houver um cessar-fogo.

Ele não parece próximo. Nesta



A conta foi feita pelo Banco Mundial, em conjunto com a ONU, Comissão Europeia e Ucrânia

terça, o presidente Volodymyr Zelenski disse acreditar que uma nova rodada de negociações diretas com os russos e os mediadores americanos pode ocorrer na Suíça no fim desta semana, mas voltou a afirmar que não acha que Vladimir Putin quer a paz.

Já houve duas reuniões nos

Emirados Árabes Unidos e uma em Genebra, sem avanços concretos acerca de temas espinhosos para os dois lados, como concessões territoriais por parte de Kiev e a aceitação de uma força de paz europeia na Ucrânia por Moscou.

O presidente Donald Trump é o fiador das conversas, mas o eleva-

do risco de ele se envolver em uma guerra contra o Irã devido ao programa nuclear dos aiatolás faz Kiev temer o desengajamento dos Estados Unidos do processo de paz.

Segundo o estudo do Banco Mundial, o setor mais afetado no país nos quatro anos de conflito é o de habitação, com 14% de destrui-

ção ou danos registrados, somando US\$ 61 bilhões (R\$ 316 bilhões). Nesta segunda, um novo ataque aéreo atingiu o porto de Odessa, matando ao menos duas pessoas.

Enquanto a guerra não acaba, a principal linha de oxigênio para a economia ucraniana, o empréstimo de 90 bilhões de euros (R\$ 550 bilhões) costurado pela UE (União Europeia) está sob ameaça. Apesar de aprovado com um mecanismo que evita em tese a obrigatoriedade da aprovação unânime entre os 27 membros do bloco, a Hungria promete vetar a medida.

O governo de Viktor Orbán, premiê que enfrenta eleições em abril sob risco de perder o poder que retém de forma contínua desde 2010, disse nesta segunda que a Ucrânia “odeia a Hungria”.

No centro do debate está a interrupção do fornecimento de petróleo russo para Budapeste e Bratislava devido a um ataque com drones ucranianos ao oleoduto que passa por seu território.

Em Moscou, Putin marcou a véspera do aniversário da guerra, que é o feriado do Defensor da Pátria, homenageando militares que lutaram no vizinho e colocando uma coroa de flores no Túmulo do Soldado Desconhecido, junto ao Kremlin.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Sem Lula na lista, Trump convida líderes aliados da América Latina para encontro na Flórida em março

Reuters/Folhapress

O presidente dos EUA, Donald Trump, vai reunir líderes da América Latina em um evento previsto para o dia 7 de março, em Doral, perto de Miami, na Flórida.

A reportagem apurou que 13 líderes devem ser convidados, e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) não está incluído na lista. Trump deve reunir apenas presidentes alinhados politicamente com suas pautas, como o argentino Javier Milei e o salvadorenho Nayib Bukele.

O encontro acontece na cidade conhecida como “Doralzuela” pela alta concentração de venezuelanos - o local apoiou o retorno de Trump ao Salão Oval, em 2024, e nas eleições o republicano venceu Kamala Harris.

O evento vai acontecer no Trump National Doral, resort do presidente localizado próximo ao aeroporto de Miami. O local já foi apontado por Trump como onde possivelmente deve receber os líderes mundiais para o G20, que acontece no fim do ano.

Apesar de o convite para este evento não ter se estendido ao Brasil, ainda é esperada um encontro entre Lula e Trump em março, em uma data que ainda deve ser definida. O petista, em declarações recentes, tem afirmado que pretende priorizar a pauta de combate ao crime organizado.

Em dezembro ano passado, Lula encaminhou ao Departamento do Estado uma proposta de fortalecimento da cooperação nesse tema. Nele, o presidente manifestou interesse em estreitar a parceria na repressão à lavagem de dinheiro e ao tráfico de armas, assim como no congelamento de ativos de grupos criminosos e no intercâmbio de dados sobre transações financeiras.

Em uma ligação entre os líderes, esta proposta foi lembrada. Na última semana, Lula reiterou o desejo de estreitar essa parceria em viagem à Índia. O presidente prevê a participação do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, do ministro da Justiça, Wellington César Lima e



Trump convidou apenas líderes alinhados com sua ideologia

Silva, além de representantes da Receita Federal e da Polícia Federal.

“Qualquer coisa que puder colocar uns magnatas da corrupção na cadeia, nós estamos dispostos a trabalhar. E esses magnatas não moram na favela, não moram no térreo, eles moram em cobertura, moram nos bairros mais chiques do Brasil e nos bairros mais chiques dos EUA”, declarou o presidente.

Além da questão da segurança, é esperado que as questões tarifárias também permeiem as conversas. Isso porque, após a derrubada da taxação pela Suprema Corte na última sexta-feira, o presidente Trump anunciou uma tarifa global de 15%. Isto, segundo o vice-presidente Geraldo Alckmin, pode beneficiar o Brasil e tornar o país mais competitivo.

“Foi uma medida positiva, eu acho que reforça o encontro do presidente Lula com o presidente Trump agora em março”, disse Alckmin, em evento em Aparecida (SP), neste domingo (22).

No entanto, o governo americano já anunciou que vai continuar investigando países com base na Seção 301, dispositivo que permite impor tarifas por supostas práticas comerciais ilegais após investigação. O Brasil é alvo desse procedimento desde o ano passado. Um dos pontos sob análise é o pix.

“Isso preocupa, a chamada Seção 301, mas será esclarecido. O pix é um exemplo para o mundo de uma medida altamente benéfica para a população, sem custo, com garantia e segurança. Outras questões abordadas também serão esclarecidas. Isso já aconteceu no passado, e o Brasil prestou os devidos esclarecimentos”, disse o vice-presidente.

Por Isabella Menon (Folhapress)